

**DISCURSOS PROFERIDOS
NA SOLENIDADE DE POSSE DO
JORNALISTA PAULO MACEDO
NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO NORTE**

EM 23 DE JULHO DE 1979

DISCURSO DO PROFESSOR
JOÃO BATISTA CASCU DO RODRIGUES
RECEBENDO O JORNALISTA PAULO MACEDO
NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO NORTE.

Este é o momento identificador do diálogo permanente do homem com a cidade que ama, marcado pelo privilégio da benquerença correspondida.

Recebo, aqui e agora, Paulo Macedo — Jornalista extremamente fiel a Natal e ao Rio Grande do Norte — ao ato de sua incorporação ao convívio desta Casa, por direito de conquista.

Na verdade, a vida deste cearense - norte-rio-grandense está carregada de circunstâncias densamente locais. Presença singular de um militante da comunicação social que, sendo intrinsecamente provinciano, acrescenta ao seu desempenho profissional a busca de oportunidades ampliadas de participação nas soluções pertinentes aos interesses da comunidade regional e nacional.

Poder-se-ia acentuar essa característica fundamental de um “diletante da ação”, que Eça de Queiroz consagrou num perfil original, convertendo-se em eterno caminhante, que sofre a

negação real dos caminhos preexistentes — sugerida na alegoria poética — para transformá-la em regra existencial, ao longo da própria caminhada.

É o bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza que complementa sua formação básica em Comunicação Comparada no Centro de Convenções de Hoover, em Palo Alto — Califórnia; é o especialista em turismo, Presidente do Segundo Congresso Brasileiro dessa atividade cultural, realizado nesta capital e somente depois de São Paulo, com estágios nos Estados Unidos, Portugal e Espanha.

Desde o revisor da “Folha da Tarde” e colunista sobre Artes, seu itinerário assinala o jornalismo essencialmente comunitário, em “A República”, “Tribuna do Norte”, “O Poti” e o “Diário de Natal”.

Possuidor de comendas e citações meritórias nacionais, entre outras o Mérito Tamandaré, da Marinha do Brasil e o Prêmio Assis Chateaubriand, concedido pela Empresa Brasileira de Turismo, por sua notável contribuição nesse setor, Paulo Macedo ostenta, por igual, ainda em destaques especiais, a Medalha do Mérito Alberto Maranhão, a mais alta condecoração do Governo do Estado, no plano cultural, a Medalha Augusto Meira - do Conselho Estadual de Cultura do Pará a Medalha da Abolição, da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, a Medalha da Cidade do Recife e o Mérito Educação e Cultura, conferido pela Prefeitura Municipal de Natal.

Gilberto Freyre, noutra prova de fecundidade espiritual, atribuiu à sua cidade uma tendência ou um traço configurador por excelência — a “recifensividade”, abrangendo ainda a qualidade de “recifensizado”.

Em paralelismo, há que cogitar em Paulo Macedo do exercício cotidiano de uma *natalensividade* modelar, que o torna *natalensizado* aceito, incondicionalmente, pelos integrantes do condomínio histórico - cultural da cidade.

Com efeito, a memória viva composta por ele conicide com a contemporaneidade apresentada num retrato do Natal, em que a moldura revela a operação intransferível do responsável pelo seu ajustamento inicial e sua modelação final.

Autor do projeto de perspectivas amplas sobre o conhecimento didático da realidade corrente de Natal, insere-o no esforço de divulgá-lo por sua idealização valorizadora.

Há de visualizar-se sempre na iniciativa de Paulo Macedo o marco referencial dos aspectos emergentes da situação natalense, com o ressaltado do compromisso pessoal que ele assume, em sintonia com as matérias originais que os participantes diretos do seu trabalho oferecem com objetivo comum.

No fundo, constitui demonstração evidente de quem, como jornalista postado diariamente numa coluna ágil e movimentada aponta cada faceta do microcosmo natalense, explícita na informação certa e atual a opinião construtiva e valiosa para o futuro

Preocupação que por inteiro acompanha Paulo Macedo na sua reportagem do dia-a-dia da cidade, em sua ação jornalística sobre o tempo presente, com implicações sobre a aprendizagem coletiva para o amanhã.

Destinatário que é da atitude solidária deste acolhimento pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, comparece o jornalista amante da cidade eleita com "a sua reportagem do tempo. É o retrato para o Ano 2000" - justifica o testemunho inigualável do Mestre Camara Cascudo.

Sim, "feiticeiro colonista" - é límpida a fonte casquiniana para o seu rebatismo intelectual.

Com o seu documentário, Paulo Macedo é o grande portador da "confidência dos derradeiros anos do século XX".

Dele, enfim, uma mensagem emocional que salta do seu depoimento de reporter, que, um dia, ainda adolescente - há vinte e três anos - se apaixonou pela cidade, que é, em sua confissão imperecível, "o amor eterno do adulto".

DISCURSO DO JORNALISTA PAULO MACEDO
PROFERIDO EM SUA POSSE NO
INSTITUTO HISTÓRICO

Senhor Presidente do Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte.

Excelentíssimas Autoridades:

Agradecido e honrado pela escolha de meu nome para sócio efetivo desta Casa de Memória, chego, aqui, com humildade para, nesta noite, perante Deus, a culta assistência e esta egrégia assembléia, assumir a cadeira que o destino me reservou. Mais uma atitude generosa dos senhores integrantes do nosso respeitável Instituto Histórico e Geográfico, do que mesmo pelos meus próprios méritos.

Acompanham-me a vibração dos neófitos, o entusiasmo dos noviços e a certeza de que esta Casa e os seus ilustres ocupantes jamais desaparecerão, pois, se assim o fora, perder-se-ia nas brumas do tempo, a própria cultura do Rio Grande do Norte.
Reverencio, neste primeiro encontro, os pioneiros da

nossa terra que, ao longo do tempo, construíram com inteligência e denodo, a história da nossa gente, pontilhando de glórias o passado, assegurando a vitalidade do presente e projetando luzes no porvir.

Procuro a tradição norte-riograndense, tão bem representada por este Instituto, dignamente presidido pelo escritor Enélio Lima Petrovich, e onde se tem em custódia, de maneira sacral, a coletânea histórica do Rio Grande do Norte, como forma de oferecer às gerações pósteras as inúmeras lições de patriotismo que os nossos antepassados nos legaram.

A história é a mestra do tempo. Por mais pragmáticos que sejamos, é-nos impossível esquecer os fenômenos históricos, as manifestações políticas, o testemunho do heroísmo dos que se imolaram pela pátria.

O culto aos maiores é um dever cívico. É um ato patriótico.

Se povo houvesse sem história, seria povo sem destino. Infeliz o povo que não guarda suas tradições, que não recolhe no sacrário da vida as figuras lídicas, os gestos nobres, as atitudes dignas, as decisões sábias, os ensinamentos válidos, a angústia, a alegria, o calor humano, a tristeza, o sorriso, a pureza dos sentimentos, enfim tudo que emoldura o cenário maravilhoso da vida desse mesmo povo.

O Historicismo é uma escola antropológica deveras respeitada, por evidenciar o fato histórico como força motriz da própria cultura de um povo. Nada se subtrai ao âmbito da História, que não é apenas testemunha dos acontecimentos, mas plasmodora dos seus caracteres e responsável pela sua evolução. Como seríamos hoje sem o conhecimento dos feitos do passado? Repetiríamos - quem sabe - sem a capacidade de atualização, tudo aquilo que os outros fizeram e fizeram bem. E nunca o tempo dos outros, também, seria o nosso tempo.

A filosofia historial é uma realidade manifestada nas

escolas tradicionais: no providencialismo de Santo Agostinho, no fatalismo de Vico, no idealismo de Hegel, no positivismo de Comte, no evolucionismo de Darwin, no materialismo de Marx, no relativismo de Spengler e na análise retrospectiva de Toynbee.

A maior lição da História é a perene renovação dos fatos, a qual, no dizer de Luís Halfhen, “amplia, em nós, o que se poderia chamar o sentido da evolução e nos premune contra alguns erros de julgamento menos compatíveis com uma sã apreciação das coisas”. É pela História e pela História somente, que eles nos aparece repostos em seu plano verdadeiro, não como surgidos do nada, mas provindos de uma lenta incubação, simples etapa de um imenso caminho cujo termo jamais é atingido”.

Viana Moog, certa vez, identificou o Brasil como “um arquipélago cultura, cujas ilhas, todas elas, viviam isoladas umas das outras, incomunicáveis, ignorando-se entre si”, concluindo, depois, que “coube às instituições culturais estaduais o generoso papel de construir pontes entre as ilhas do arquipélago, facilitando-lhes comunicação e aproximação, ligando-se eficazmente umas às outras.

Eu creio, no entanto, que os Institutos Históricos Estaduais não são apenas o liame entre as unidades federadas, mas o relicário das tradições regionais e locais e sem a existência dessas instituições tão necessárias e positivas, torna-se-ia difícil ou até impossível a reminiscência do patrimônio histórico, de inigualável valor, que todos os povos civilizados se ufanam em manter.

Desejo, pois, enaltecer a magnitude do Instituto Histórico que, vencendo dificuldades de todos os matizes, afastando obstáculos, tem marcado a vida provinciana com uma presença útil e sobremodo incoercível.

Não poderia nem deveria tomar assento nesta Casa, sem rememorar um fato histórico que vinculasse a minha iniciação a um vulto do passado, realidade de ontem, exemplo de hoje e

glória de sempre.

É como se o escolhesse o meu patrono e aqui lhe fizesse o panegírico solene.

Orgulho-me em citar o Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes protótipo de sacerdote, cidadão e maçom, nascido em Vila Flor, no século passado e vigário colado da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Natal.

Traçar-lhe o perfil, reviver sua personalidade marcante e altaneira, será objeto de uma conferência, pois os limites desse discurso de posse não me permitem fazê-lo, agora.

No entanto, quero ressaltar sua autenticidade maçônica, evidenciada de maneira brilhante no episódio da Questão Religiosa, da qual foi um dos protagonistas, no Nordeste.

Denunciado ao Arcebispo de Olinda, Dom Vidal de Oliveira, como maçom regular, reafirmou ao prelado olindense sua integridade moral e sua firmeza de caráter. Depois de acusado, pressionado, intimidado, sem jamais se pertubar um instante sequer, vejamos o expediente que enviou ao Bispo da Cidade de Olinda, na época o maior centro de estudos e cultura da região e onde o Vigário Bartolomeu se formou:

“Exmo. e Revmo. Senhor, respondendo ao ofício que V. Excia. Revma. teve a bondade de dirigir-me, determinando-me que declarasse pelos jornais que não pertenço mais à Maçonaria, permita-me V. Excia. Revma., que, com todo respeito que devo ao meu Prelado, lhe diga que a dignidade que todo o homem de bem deve a todo transe procurar manter e o juramento que espontaneamente prestei quando fui admitido naquela associação, me impedem de fazer a declaração ordenada por V. Excia Revma. Uma semelhante declaração importa numa abjuração ou perjúrio e não há de ser no último quartel da minha vida, que eu hei de cometer um perjúrio, muito principalmente contra uma associação cujos fins humanitários são de sobejo conhecidos. Quando conferenciei com V. Excia. Revma., com toda franqueza e respeito, fiz ver a V.

Excia. Revma. que, tendo 34 anos de vida pública, a qual eu considerava sem manchas, graças à Divina Providência, não podia, sem grande quebra de minha dignidade pessoal e sem lançar uma nódoa em minha reputação de homem de bem, abjurar a Maçonaria, ao que V. Excia. Revma. se dignou de anuir.

Portanto, V. Excia. Revma. permitirá que eu continue meu propósito, sem que com ele eu tenha em vista desobedecer às ordens do meu Prelado, a quem tributo todo o respeito e acatamento”.

A História Potiguar não podia ter recolhido lição mais edificante e grandiosa.

Será, de veras, importante que os homens de hoje reflitam sobre este episódio dignificante e reproduzam os valores excepcionais deste varão inesquecível.

O filho do Tabelião de Vila Flor foi homem justo, um sacerdote puro e abnegado, um maçom digno, um político sincero e defensor extraordinário de sua comunidade. Sereno e cordial mas sempre forte. Viveu de acordo com a sua consciência.

MINHA PREFERÊNCIA POR NATAL

Sempre, desde o momento em que aqui cheguei, interessei-me por esta Cidade. Nela, deveria ficar apenas um fim de semana, para o lazer de uma excursão estudantil, ao sabor de um intercâmbio de amizade. Nunca imaginei de me apaixonar por ela, de me tornar interessado pela sua gente, que constatei, de imediato, ser acolhedora e simpática, nem de deter-me fascinado diante das praias tão formosas quanto a beleza de suas mulheres.

Evoco, agora, com nítida recordação, os momentos preocupados que vivi, na incerteza de permanecer ou voltar. Natal era o mundo novo que eu sentia e desejava. Por isso não queria mais sair. Foi o que ocorreu. Minha decisão deu perplexidade aos meus companheiros de passeio e

só algum tempo depois eles compreenderam o meu propósito.

Hoje, decorridos vinte e três anos, constato que a decisão tomada, naqueles idos, foi correta. O sentimento, então experimentado, permanece. Reconstituindo as coisas, nesta hora, verifico que a Cidade por quem o adolescente se apaixonou, é, hoje, o amor eterno do adulto. E estou certo de que poucas cidades são tão agradáveis para se visitar e viver. Com efeito, sinto-me exemplo por experiência própria.

Numa forma de reconhecimento pelo muito que Natal fez por mim, quero dedicar-lhe este livro com o qual manifesto, de público, o meu sentimento e, através dele, coloco à disposição de todos, informações contemporâneas, resultado de um trabalho de pesquisa. Fui incenti-

vado por pessoas importantes e positivas, dentre as quais o Professor Câmara Cascudo, que me lembrou a necessidade de alguém escrever a reportagem do tempo.

—“Documentário como uma confiança dos derradeiros anos do século XX. Como será Natal em 2079? Os moradores dessa época verão a Cidade e aproximá-la do depoimento de Paulo Macedo. Não é história é uma emoção evocada. Os arranha-céus não disfiguram a paisagem urbana. Haverá o Potengi correndo para identificar a perenidade da cidade do Natal, clara e linda no tempo e no espaço”.

Tem razão o Mestre. Poucas cidades são tão elogiadas, por brasileiros e estrangeiros. Sua expressiva presença junto ao Atlântico, a beleza de sua geografia feita de mar, de rios, de dunas, de igapós, de bosques, enseadas, igarapés que complementam o Potengi na sua caminhada se distanciando do oceano.

Seu clima é privilegiado, porque oferece o mínimo de variação, todo ano, cuja média é de vinte e cinco graus centígrados, elevando-se a vinte e sete, no verão, e nunca descendo aquém de vinte, no inverno. As escassas oscilações permitem que a humidade se mantenha equilibrada nas quatro estações.

Toma-se banho de mar de janeiro a dezembro, porque o sol se faz presente todos os dias, talvez com a mais acentuada luminosidade encontrada em toda a costa brasileira. Nesta análise de climatização vale ressaltar a contribuição dos ventos alísios aos quais a cidade muito deve pela condição satisfatória e peculiar de seu clima.

O romancista e poeta Ivanildo Lopes, um dos nomes de va-

lor pessoal e inteligência, depôs sobre o leque das praias natalenses:

— “Os lampejos do farol da barra, em Mãe Luiza, abrem um leque festejando a noite e orientando os navegantes, mas ali está também o mirante dos dias, de onde se pode descortinar, em latitudes sul e norte, a maravilha seriada de uma grandeza serena em sua majestade, império de tranquilidade. E entre os dois extremos, a beleza se ergue à vista, iniciando-se em Barra do Rio, propiciando uma espécie de passarela discreta, que se estende para o sul, até Tabatinga.

A beleza e a dádiva não páram; se a dádiva é ampliada pelo avanço do mar, a beleza cresce em seus contornos, ensejando mais áreas pelo afastamento do espontâneo vergel.

A enseada do Rio Potengi deixa, de um lado, as praias de Barra do Rio, Santa Rita, Genipabu e Ridinha, formando elas uma esteira imensa com divisões hipotéticas. Todas piscosas. A Ridinha, poética, boêmia e alcóolatra. Do outro lado, Praia do Forte, uma piscina imensa formada pelas lages dos arrecifes e sob a guarda histórica da Fortaleza dos Reis Magos.

Seguem-se as praias dos Artistas, Meio, Areia Preta, Barreira Roxa, Cutuvelo, Pirangi lendária. Bem perto, o maior cajueiro do mundo e ponte sobre o rio promovem o encontro dos turistas. Beirando a costa, chega-se a mais calma e ciente praia de Búgios, formada por um rencôcavo imenso, embandeirada por um coqueiral que lhe completa a graça e o encanto. O ângulo imenso, unindo a visão em, mais ou menos, oitenta quilômetros, termina em Barra de Tabatinga, povoado muito antigo, dez quilô-

metros além de Búgios. A orla, de limpidez uniforme, exprimindo mais beleza, em maré-baixa, atrai também a devaneios”.

Há muito o que dizer acerca das belezas naturais de Natal. Desde o mar, que significa muito para ela, os rios, as dunas em cadeia, que se alinham no contorno da cidade, da área de origem até onde se desenvolve nos dias atuais.

Vicente Serejo, professor universitário, jornalista dos mais lúcidos e cultos de sua geração, traz o seu depoimento à minha pesquisa, enfatizando que Natal é uma Cidade do mundo.

— “Natal nasceu no Forte, construído nas terras do encontro do rio com o mar, olhando a paisagem das dunas que se alongavam até onde a vista alcançava, encostando nos morros do Tirol. Cresceu obedecendo a este caminho, saindo do Forte, subindo as dunas.

Foi ainda ao largo do Forte a constatação de que somos a parte mais avançada no Atlântico e por isso considerada a base ideal para que os americanos instalassem seu maior campo de pouso militar fora dos Estados Unidos, que recebeu o nome de Trampolim da Vitória, na Segunda Guerra Mundial.

Clima realmente tropical, Natal, tem cajus que floram em dezembro e dividem com a cachaça produzida nos Engenhos do Estado, o maior prestígio como bebida típica, convivendo com os peixes e crustáceos pescados em todo o seu litoral: camarão, lagosta, siri, caranguejo e todos os mariscos.

Nas praias estão suas rendeiras e labirinteadas que tecem no colo todos os mistérios e encantamentos dos bilros que pulam entre os dedos, na renda de almofada ou da agulha que penetra nos cami-

nhos quase invisíveis dos labirintos, marcados com espinhos de mandacaru. Natal é uma cidade sem mistérios, simples como a história de todas as cidades do mundo. teve um canto para nascer, um cruzeiro para rezar, uma santa para adorar com terços no final da tarde, um rio manso, pouso de barcos e baleiras, e um mar bonito que banha a cidade e tem suas águas amornadas pelas correntes da terra”

Contando 380 anos desde a sua fundação, mantendo-se bela e jovial todo esse tempo, deixando o Atlântico como que a esperar visitas de dois continentes, Natal prova ao mundo a expressão de sua hospitalidade e o arejamento de uma população jovem e esportiva, como depõe o não menos jovem e esportivo, Prefeito José Agripino Maia:

— “Evoco suas nascenças, com o Forte português, e indiada, o adentramento da pirataria francesa até o Refoles e do domínio holandes.

Revejo o seu primeiro núcleo de casas subindo a ladeira da Ribeira para situar-se no “quadro” da Cidade, entre a Santa Cruz da Bica e a margem do rio Potengi, formando ruas estreitas e tortuosas.

Lembro-me das mãos ordenadoras que a descomprimaram desse recanto e a expandiram até as dunas, em amplas ruas e avenidas.

Aplaudo a visão dos que a sistematizaram com o Plano Palumbo, sem dúvida o primeiro plano diretor de uma cidade do Nordeste.

Desde então, a cidade abriu sua expansão em leque. Nasceram os bairros, os conjuntos habitacionais, as indústrias, as construções verticais. Cresceram em consequência, as necessidades básicas de drenagem, transporte, viação, água,

esgoto, energia elétrica.

Toda criatividade há de ser exercitada para valorizar a nossa faixa litorânea, as nossas encostas, a margem do rio, os pontos pitorescos, as praças, as potencialidades naturais, as manifestações folclóricas e o nosso artesanato.

Situo-me entre aqueles que consideram Natal uma cidade cordial, confortada por uma prosperidade refletida no bom gosto de sua gente, na expressão do seu povo, na hospitalidade e arejamento de uma população jovem e esportiva”.

Natal tem tradição na cultura popular e mantém vivas as suas crenças. Estudioso desses assuntos, o escritor e autodidata Veríssimo de Melo, depõe:

— “Há, naturalmente, épocas próprias para apresentação dos nossos autos e folguedos folclóricos: nas festas natalinas ou no São João. O fandango. Os pastoris. A chegada de mouros. Os congos. As quadrilhas. Mas é possível apreciar em qualquer época, o nosso Coco de Roda típico, o Bambelô, ou as velhas danças de salão, do passado, que a Sociedade Araruna conserva e exhibe com elegância e singeleza. E não é difícil obter-se uma apresentação de “João Redondo”, de Zé Relampo, o nosso teatro de fantoches para a infância.

Quanto aos cultos populares, o povo canoniza seus santos, independentemente de aceitação oficial do Vaticano. É o caso do Padre João Maria, com sua herma na praça do mesmo nome, onde se colocam velas e ex-votos em cumprimento de promessa. Foi um velho sacerdote que se destacou pela caridade que praticava. Agora é santo para todos os efeitos, venerado em praça pública, no coração da cidade.”

Mas, a maior devoção da cidade é a^o dos Reis Magos que dá nome ao bairro onde está a capela com as velhas imagens portuguesas, que vieram para o Forte, terminaram nas Rocas, numa capelinha, fazendo milagres. De 5 a 6 de janeiro de cada ano ali se realiza a maior festa popular da cidade, para festejar os “rezes”, como diz o povo. Para quem gosta de umbanda, o campo é vasto. Há centenas de casas de culto pela cidade”.

Uma das preciosidades de Natal de hoje é, sem dúvida, a sua Escola Doméstica. Nela estudam jovens oriundas de quase todos os estados da federação e dela saem com diploma e preparo para dirigir um lar. Entregue sua administração à competência da professora Noilde Ramalho, a Escola Doméstica de Natal, em sua estrutura e organização, ímpar no Brasil e com similar apenas na Europa, um dia foi visitada por Humberto de Campos, que, ao sair, deixou a impressão sobre o educandário:

“Cada lar que se forma é uma pedra do edifício da Pátria. Abençoados sejam, pois, aqueles que, educando a mulher para a organização feliz de um lar, preparam, nesta casa, a solidez e a majestade do Brasil de amanhã. 25 de outubro de 1928”.

Outra preciosidade que se pode encontrar em Natal é a Coluna Capitolina, assim popularmente chamada. Afirma o poeta e jornalista Celso Silveira, uma das inteligências desta cidade que, “há cerca de 800 anos essa coluna faz andanças, desde os escombros das colinas de Roma, de um foi escavada, até porto e praças de Natal, Rio Grande do Norte, em terras do Brasil”. Afirma, ainda, que a coluna ao chegar a Natal “foi erigida, então, numa praça fronteira ao Cais do Porto. De-

pois, atingida pelo descaso, foi esquecida durante vários anos junto a um botequim do bairro das Rocas, onde sofreu golpes de gume de ferro das facas afiadas dos tratadores de peixe e serviu de assento e travesseiro aos boêmios da cidade. Dali foi levada em triunfo para a Praça João Tiburcio, no centro da cidade e, posteriormente, removida para a Praça Carlos Gomes, onde se encontra protegida contra as investidas dos vândalos desocupados”.

Quando fui nomeado Secretário de Turismo de Natal, uma de minhas primeiras iniciativas foi a de visitar a Coluna, na Praça João Tiburcio. Ao olhá-la, estarreci-me, dado o seu abandono. Nesse tempo, a Praça João Tiburcio não figurava no plano viário da urbe, logo, raríssimas pessoas passavam por lá e tinham o privilégio de ver a dádiva de Mussoline. Vi a coluna esmaecida, o mato arredor, o capitel arranhado e ainda por cima servindo de repositório de entulho. Penalizei-me e, incontinenti, procurei o Prefeito Ernane Silveira, que, sensível, deu apoio total à idéia de recuperá-la e trasladá-la para um local onde pudesse ficar incólume. Escolhi então a Praça Carlos Gomes, no Baldo, não pelo fato de ter sido primeiro traço demarcatório da cidade, mas por ser passagem do mais intenso tráfego urbano.

Para celebrar o novo habitar da coluna, promovi, em nome da Prefeitura, uma festa, a que compareceram o Cônsul da Itália em Recife, as autoridades constituídas do Estado e numerosas outras pessoas gradas.

Antes, solicitei do escritor, advogado e professor Paulo Pinheiro de Viveiros, uma das testemunhas da chegada do monumento e, à época, responsável pela cober-

tura jornalística para o Diário de Pernambuco, para que escrevesse uma plaquete sobre o episódio, no que atendeu de imediato. E mais: aceitou ser o orador oficial da solenidade.

Assegura o historiador Câmara Cascudo que a vinda dessa coluna para Natal foi parte de um plano do então presidente italiano, Benito Mussoline, no desejo de mostrar ao mundo inteiro a expressão cultural do seu País.

Paulo Viveiros conta que em 1928 chegaram a Natal os pilotos italianos Arturo Ferrarim e Carlo Del Prete, enviados pelo Governo italiano. Vieram num avião savoia e gastaram na viagem, partindo de Roma, 60 horas. O fato foi comentado no mundo inteiro. Era o primeiro vôo, da Europa a esta parte do continente americano, em linha reta, sem escala. Aqui, os embaixadores foram bem acolhidos e homenageados, de forma a sensibilizar Mussoline, que, mais tarde, comemorando o feito extraordinário da aviação do seu País, enviou o Ministro da Aeronáutica, Italo Balbo a Natal, conduzindo essa coluna do Capitólio de Roma. Sua origem é atribuída ao Tempo de Jupiter Optimus Maximus, cuja construção se iniciou no ano 509 Antes de Cristo, como defende o professor Paulo Viveiros.

A coluna é, nos dias atuais, ponto obrigatório de visita dos turistas e estudiosos da cultura.

Ao chegar a Natal o visitante lembra-se, inicialmente, em conhecer a base de lançamento de foguetes da Barreira do Inferno, a deztoito quilômetros do centro da cidade, área limítrofe da capital com o município de Eduardo Gomes. É um dos três campos de lançamentos mais importantes da América do Sul. Sua criação pelo Brigadeiro Oswaldo Baloussier ocorreu ao ser

constatada a opção para executar experimentos em latitudes equatoriais. Sua inauguração se deu em 15 de dezembro de 1965. Na Barreira do Inferno já foram lançados aproximadamente dois mil foguetes de pequeno e médio porte, através de programas brasileiros e internacionais. Dispõe, hoje, dos métodos mais sofisticados de trajetografia, telemetria e transmissão de informações. Presidentes de República, Ministros de Estado, Senadores e Deputados, jornalistas europeus e americanos, celebritades das artes e da cultura têm vindo a Natal para assistir a lançamentos especiais, projetos alemães, canadenses, americanos, franceses e brasileiros. Comandado atualmente pelo Coronel-Aviador Francisco Henneman Filho, o campo de lançamento da Barreira do Inferno é um orgulho para Natal e para o Brasil.

Terminando a Praça André de Albuquerque, onde a cidade foi fundada, embora não exista a respeito nenhum indicador, o obelisco que lá está nada tem a ver com a fundação e sim uma homenagem ao Padre Miguelinho, herói da Revolução de 1817, começa a Praça da Independência. Nella, estão sediados os Três Poderes do Estado.

O Palácio Potengi, inaugurado em 1872 e que já foi residência do Governador, no começo deste século, hoje acolhe apenas os gabinetes de trabalho do Governador, de duas Secretarias civis e uma militar e mais as assessorias de relações públicas e imprensa. Ao lado direito, em fase de conclusão, está o Palácio José Augusto, sede do poder legislativo, arquitetura moderna, como é também a do Palácio da Justiça, sede do poder judiciário, à esquerda. A poucos metros situa-se o Palácio Felipe

Camarão, sede do poder executivo municipal. Um pouco mais adiante, vê-se o relógio da Junqueira Aires, diante do complexo Sesc-Senac. A peça decorada e belíssima foi fabricada em Paris e trazida a Natal no começo deste século. Também vieram de Paris duas figuras de criança, em bronze, com livros abertos nas mãos, assim como o relógio, encomendadas na França por Alberto Maranhão.

Na avenida Junqueira Aires está a casa residencial do Mestre Câmara Cascudo e o seu gabinete de trabalho, onde recebe duzentas correspondências por dia, produzindo 300 livros, guarda 600 condecorações e recebe, com simpatia, nos momentos disponíveis a quantos o procuram. O patriarca da inteligência e da cultura mantém relacionamento cultural com cerca de 29 nações e é um dos três intelectuais brasileiros conhecidos no mundo inteiro. Hoje, conta 81 anos de idade e de simpatia.

Com esta exposição que espelha o que sinto e penso sobre a Cidade que amo, retrato pouco do muito que ela detém em sua grandeza e expressão, convidando a todos a testemunhar e esforço de pesquisa contido no resultado dessas fotos, quando dezenas de filmes foram gastos e na busca de depoimentos valiosos prestados por especialistas e figuras de nomeada da inteligência potiguar como Luís da Câmara Cascudo, Diógenes da Cunha Lima, Iveraldo Lopes, Marco Aurélio Sá, Veríssimo de Melo, Domingos Gomes de Lima, Paulo Lopo Saraiva, Vicente Serejo, João Batista Cascudo, José Agripino Maia, Arnóbio Pinto Fernandes, Iaperi Araújo, Gumercindo Saraiva e Ana Maria Cascudo. Centenas de telefonemas foram feitos, um outro tanto de solicitações na aquisição de esclarecimentos e informa-

ções. Um retrato de Natal nos dias atuais. O livro terá alcançado o seu objetivo, se puder ser útil e entendido. Pode ser chamado

de relatório. De documento. De pesquisa. Natal merece muito mais. Por ora é o que pude fazer.

PAULO MACEDO

Natal, 23-7-1979